

CAMINHO PARA O INTERIOR: EXERCÍCIO METODOLÓGICO DESDE A SABEDORIA DA CERÂMICA DO POVO MACUXI

LARISSA SILVA GONÇALVES¹

UFRR, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0003-1648-396X>

JOANA FIDELIX²

CASA DE CULTURA AMOOKO EPU'KENA, BRASIL

<https://orcid.org/0009-0006-8886-1914>

RESUMO: *Metodologia com indígenas necessita incluir a sabedoria de pessoas, de povos e culturas. Necessita abrir mão do olhar externo para seguir jornada interior, retorno aos saberes da terra (física e simbólica), ao conhecimento de longo tempo em função das vivências (concretas e imanentes), com a realidade de um lugar. No caso deste trabalho, a sabedoria das Mestras Ceramistas do Povo Macuxi, do território da Raposa Serra do Sol, extremo norte do Brasil. Viemos contar da metodologia que Ko'ko non - Vovó Barro ensinou desde muito tempo passando das mais velhas para cá. Este conhecimento fala de olhar para o que a gente tem, fala de silêncio para ouvir a Avó e do respeito pelo nosso saber. Partilhamos um desenho da metodologia ancestral dos fazeres do barro, que é caminho para o interior do conhecimento. Para falar sobre isso, juntamos as vozes da física quântica e complexidade, para dialogar e nos ajudar a explicar o que nos interessa, que é mostrar a importância de conhecer e respeitar o conhecimento visível e invisível, interligados em nossa cultura. Um pouco disso viemos contar.*

PALAVRAS-CHAVE: *Sabedoria ancestral; metodologia; conhecimento imanente.*

ABSTRACT: *Methodology with indigenous people needs to include the wisdom of people, populations and cultures. It is necessary to surrender the external gaze to follow your inner journey, returning to the knowledge of the land (physical and symbolic), to long-term wisdom based on experiences (concrete and immanent), with the reality of a place. Pertaining to this work, with the wisdom of the Master Ceramists of the Macuxi People, from the territory of Raposa Serra do Sol in the extreme north of Brazil. We came to talk about the methodology that Ko'ko non - Vovó Barro (Grandmother Clay) taught since a long time ago from the older ones to here. This knowledge talks about looking at what we have, it talks about silence to listen to Grandmother and respect for our knowledge. We share a drawing of the ancestral methodology of clay making, which is a path to the interior of knowledge. To talk about this, we bring together the voices of quantum physics and complexity, to dialogue and help us explain what interests us, which is to show the importance of knowing and respecting visible and invisible knowledge, interconnected in our culture. We came to tell you a little about this.*

KEYWORDS: *Ancestral wisdom; methodology; immanent knowledge.*

¹ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia. Professora do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima – UFRR. E-mail: proflarissagoncalves@gmail.com

² Mestre Ceramista do povo Macuxi, pertencente à comunidade Raposa I, situada na Terra Indígena Raposa Serra do Sol – Roraima. Instagram: @joana.fidelix_

GONÇALVES, Larissa Silva; FIDELIX, Joana. Caminho para o interior: exercício metodológico desde a sabedoria da cerâmica do povo Macuxi. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 75-93, mai./ago. 2024.

Introdução

Esta pesquisa é resultado do encontro de duas ceramistas: uma mestra indígena Macuxi, pertencente à comunidade Raposa I, situada no estado de Roraima, e outra não indígena – aprendiz e coletora de símbolos de norte a sul do Brasil. Surge do singelo e genuíno interesse em entender – e aprender – o “ofício do barro”; do desejo de registrar o conhecimento originário da cerâmica, em algumas de suas dimensões (visíveis, quando relacionadas ao “fazer cerâmico” e invisíveis, quando concernentes à presença da “dona da argila”, a encantada *Ko’ko non* – segundo o idioma Macuxi, a “Vovó Barro” em português). Exprime, enfim, o interesse em materializar, nas palavras escritas, a sabedoria do invisível, por meio de um exercício metodológico de pensar sobre o conhecimento, desde as bases de uma cultura originária, em diálogo com referências do conhecimento não indígena, advindas, especialmente, da Física, precisamente da racionalidade cartesiana.

Trata-se de um exercício de pensar, escrever e desenhar, sobre uma metodologia construída *a posteriori*, quer dizer que se apresenta em função do sopro de *Ko’ko non*, de muita escuta dela e das mais velhas, que a escutaram primeiro e de muita, mais muita, vivência com o barro. Foi a partir desta história que criamos um desenho dos caminhos que as Mestras Ceramistas indígenas percorrem cotidianamente com fazeres e saberes do barro. O que apresentamos é algo aberto, dinâmico; foi desenvolvido na síntese de mãos, corpos, coração e espírito; em troca intelectual, afetiva e simbólica, com dimensões visíveis (da própria natureza) e invisíveis (em diálogo fecundo com a dona da argila, *Ko’ko non*), mas é sistematizada *a posteriori*, diante do convite da academia de pensar sobre metodologias com indígenas. No caso deste texto, a metodologia é de *Ko’ko non* e das indígenas, e ganha forma nas palavras não indígenas, a pedido das próprias mestras, que salientam a importância de registrar a sabedoria da “Avó Encantada”.

O material, aqui apresentado, resulta, portanto, de um diálogo (concreto e imaterial), reunindo visões e os diversos caminhos de indígenas e não indígenas, em prol do objetivo de compartilhar, a partir das memórias ancestrais indígenas, uma estratégia metodológica para projetar o futuro, manifesto na continuidade dos fazeres originários e da sabedoria do exercício de diálogo (material e imanente) com a qualidade que os povos autóctones seguem sustentando, neste que é um processo vivo de exercício da vida e manutenção dela – vida das coisas vivas e vistas e vida do invisível, que sustenta o que é visto.

Partimos, então, na contramão de caminhos metodológicos *a priori* da ciência; puxamos o freio de mão do grande comboio científico, para abrir uma roda de conversa na linearidade científica e se atentar ao que veio antes, que existe e resiste de maneira distinta e que pode contribuir para melhorar as (in)certezas da ciência e fomentar um diálogo criativo – que se propõe transformador do conhecido – para criar (re)novadas percepções e ações no mundo. Convidamos, com o breque descrito na frase anterior, a conhecer uma história de interior, do interior do Brasil, das mentes, corações e mãos que, em ação conjunta, vivenciaram – e, agora, organizam em estrutura – um

desenho metodológico da sabedoria da cerâmica Macuxi, a ser expresso e registrado em palavras e imagens.

Com estes objetivos, iniciamos nossa fala-palavra apresentando os caminhos da ciência, formas de pensar dos não indígenas ocidentais alicerçadas em referências da mecânica clássica que, diante das investigações da física quântica, estão em constante mutação. O pensamento ocidental é resultante dos avanços da física teórica que, por sua vez, passa por uma revolução de paradigmas relacionada aos conceitos de matéria, energia e probabilidade quântica. O que era a firmeza da materialidade se evanesce pelas descobertas envolvendo o mundo subatômico, a modificar consideravelmente a maneira de enxergar a composição dos seres e das coisas, do mundo e do Universo, da existência material e da transcendência.

Neste caminho, as formas de pesquisa, embasadas nas relações entre sujeito e objeto, ganham novos entrelaçamentos. E o ideal de separatividade científica, visando a neutralidade de uma verificação controlável, vem sendo posto em xeque e exigindo a recriação de estratégias metodológicas que deem conta de incluir dimensões metafísicas, cuja evidência o campo de probabilidades quânticas vem demonstrando. Vamos tratar destas explicações apresentando os limites do pensamento ocidental, com referenciais antropológicos, de um proeminente pesquisador do povo Tukano, João Paulo Lima Barreto (2013; 2021); físicos teóricos, com as contribuições de Amit Goswami (2012) e David Bohm (2005); e do pensamento complexo, através de Edgar Morin (2005; 2014).

A partir dessa base teórica, desenvolvemos o desenho metodológico apreendido em meio a vivências de oralidade; na presença e referência, de dimensões imanentes e transcendentais, identificadas com a invisível *Ko'ko non*; da sabedoria da cerâmica, que compõe o conhecimento Macuxi. Tal desenho é construído levando-se em conta os dados da realidade obtidos a partir da tradição oral de comunidades ancestrais e o método das culturas originárias, em costura teórica com e na experiência de diálogo (material e transcendente), visando contribuir com a temática de caminhos metodológicos, desde uma perspectiva mais ampla, *metadisciplinar* (MORIN, 2014) – e, portanto, mais criativa e transformadora, para o campo das Ciências Humanas e da Educação, no que diz respeito à participação do pensamento indígena.

Da metodologia *a priori* para metodologia construída junto e *a posteriori*

Partimos de apontamentos das características envolvendo o pensamento de base material, oriundo da mecânica clássica; as transições deste pensar que a física quântica impõe, agregando campos transcendentais; e o pensamento dos povos originários, que tende a integrar as dimensões anteriores. Desta maneira, indicamos o contexto sobre o qual o exercício metodológico, com base na sabedoria das ceramistas indígenas Macuxi, pode contribuir para transformar. Mas, para chegar lá, começaremos ponderando sobre alguns limites e caminhos concernentes às formas de conhecer do pensamento ocidental.

Limites

Desde muito antes do surgimento do pensamento dito científico, o pensamento ancestral lida com campo aberto de experiências e visões. Por sua vez, a ciência, que permeia a contemporaneidade, é fruto da racionalidade dita ocidental, referenciada na lógica cartesiana, linear, dual e embasada em uma física clássica, de referência newtoniana, que explica a realidade como matéria e energia, uma em função da outra. Com base nesta referência, o computador onde escrevemos estas palavras é matéria e energia, em forma de objeto e serve para o fim da construção textual. Podemos até ir mais longe, investigando os processos de produção que o constituíram, a crise tecnológica promovida pelo avanço da inteligência artificial, os problemas de saúde causados pelo excesso de horas no computador, os benefícios do equipamento para o desenvolvimento do pensamento atual, ou mesmo destacar suas qualidades físicas sensoriais. Sim, ainda caberiam inúmeras ideias e problemas objetivos, que a materialidade deste aparelho tecnológico apresenta. Entretanto, as questões elencadas e as que poderiam ser projetadas surgem em função das lentes da racionalidade cartesiana, esta que, em seu cerne, resulta de uma constituição dual, da separação de sujeito e objeto.

Na contramão de tal dualidade, é evidenciado o discurso e pensamento indígena:

Muitos desses discursos entre os nossos sábios indígenas não são feitos apenas dentro de eventos grandes e públicos, mas são feitos nas conversas do dia a dia. Na roça, enquanto cortam folhas de ipadu, folha por folha, enchendo o pequeno aturá, sentados de cócoras, exercitam sua paciência, meditam sobre o mundo que está aí e para onde vai a humanidade, para onde os homens e mulheres atuais pensam em caminhar e construir suas histórias. Esses pensamentos florescem quando se sentam nas casas rituais, comendo ipadu, fumando cigarro, passando um para o outro, esses elementos geradores dos saberes. Os saberes novos surgem entre falas sérias intercaladas com gostosas piadas. As seriedades, brincadeiras, gargalhadas, apelidos são ingredientes que dão bom sabor aos ambientes dos saberes. (BARRETO, 2013, p.12)

Ideias e interesses partilhados, ingredientes a serem reunidos na “panela” do conhecimento ancestral, temperado com a “pimenta” apreciada pelos Macuxi. Os sabores, saberes e fazeres, reunidos em dimensões visíveis e invisíveis, resultam em um pensamento integral, que a racionalidade, com base na dualidade, não consegue dar conta de compreender. Por isso, é fundamental que a pesquisa e as metodologias sejam experienciadas e comunicadas pelos próprios indígenas. João Paulo Barreto, indígena Tukano, doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, lançou no Brasil a pedra fundamental desta discussão, a partir de sua dissertação intitulada *Wai-Mahsã: peixes e humanos: um ensaio de Antropologia Indígena*, que, dentre outros benefícios, parte do interesse em:

GONÇALVES, Larissa Silva; FIDELIX, Joana. Caminho para o interior: exercício metodológico desde a sabedoria da cerâmica do povo Macuxi. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 75-93, mai./ago. 2024.

Apresentar um estudo antropológico sobre o conhecimento indígena tukano. O exercício de um estudo feito 'por dentro' do conhecimento, isto é, feito por um indígena estudante de Antropologia, que lança mão do conhecimento antropológico para explorar uma 'visão indígena' sobre o sistema de saberes e práticas Tukano. (BARRETO, 2013, p.13)

Segundo os estudos antropológicos mais proeminentes até 2013 – ano de publicação da dissertação de Barreto –, acreditava-se que os Tukano surgiram dos peixes. Todavia, tal interpretação cai por terra com o trabalho do aludido pesquisador indígena que, fazendo parte da cultura e de um pensamento específico, fruto da cosmovisão *Yepamahsã* (Tukano), foi capaz de apresentar as contradições de uma leitura feita pelo olhar externo. O trabalho de Barreto retirou a primeira carta da base de um castelo do pensamento colonizador, que desmoronou, demonstrando a fragilidade das visões científicas. A tese de doutorado de Barreto, defendida em 2021, segue na mesma direção, apontando o que os não indígenas não conseguiram compreender sobre a complexidade que envolve o pensamento indígena. A pesquisa ganhou o prêmio de melhor tese do país, por sua contribuição ao diálogo teórico na academia.

Segundo Linda Tuhiwai Smith, descendente dos povos maori, *Ngāti Awa* e *Ngāti Porou iwi*, os povos indígenas desenvolvem, a partir de suas visões, maneiras de existir e resistir à dominação colonial, representada, em grande medida, pela hegemonia da ciência europeia de base cartesiana, criando, dentre outros instrumentos de luta, a pesquisa, conforme assevera Smith (2018, p. 226): “Nossas questões são importantes. A pesquisa nos ajuda a respondê-las”. E, se faz necessário desenvolver estratégias para divulgar os conhecimentos próprios, em meio ao campo científico, exercício que esta edição da Revista Espaço Ameríndio tornou possível.

Os trabalhos referenciados, além de demonstrar os equívocos das interpretações formuladas pela ciência ocidental, mostram, também, a dificuldade de conseguir conectar – para dialogar e, quem sabe, buscar compreender – conhecimentos com base epistemológica diversa da cartesiana. Entretanto, se o pensamento ocidental é fruto das teorias físicas, uma chance de redenção para este paradigma recai sobre a descoberta das micropartículas envolvendo os estudos quânticos que, desde o século passado, demonstram que a fronteira entre o objetivo e o subjetivo não é mais completamente fixa. (VANNUCCI, 2020) Este novo caminho científico, feito de probabilidades e potencialidades, abre importante porta de diálogo para o exercício de um pensamento mais diverso e complexo (GOSWAMI, 2012; BOHM, 2005). Vamos trilhar!

Caminhos

O determinismo da racionalidade, resultante da física clássica, se contrapõe à realidade probabilística da teoria quântica que, embora careça de mais investigações, já contribuiu para a mudança de paradigmas científicos.

A pesquisa científica baseia-se na correspondência entre a realidade da natureza – que é compreendida pelas observações – e uma representação dessa realidade – formulada por uma teoria em linguagem matemática. Se todas as consequências que surgem da teoria forem verificadas experimentalmente, ela é validada. Esta abordagem seguida durante quase quatro séculos construiu um corpo coerente de conhecimento. Mas estes avanços são conseguidos graças à inteligência humana, que apesar de tudo mantém as suas crenças, até mesmo os seus preconceitos. Isto pode afectar o progresso da ciência mesmo entre os maiores cientistas. (VANNUCCI, 2020, p. 01)

A citação faz referência ao caso de Albert Einstein, tido como gênio da ciência ocidental, sóbole teórico do desenvolvimento científico herdado de Isaac Newton. Estes dois cientistas constituem a base teórica do que se chama mecânica clássica, que embasa as linhas de pensamento modernas.

Paralelamente à relatividade [principal teoria de Newton a Einstein], desenvolveu-se a mecânica quântica, que descreve a física do infinitamente pequeno. Einstein deu uma grande contribuição ao interpretar o efeito fotoelétrico em 1905 como sendo uma colisão entre elétrons e fótons, ou seja, grãos infinitesimais de energia. Em outras palavras, a luz, tradicionalmente descrita como uma onda, comporta-se como um fluxo de partículas. Foi este avanço, e não a teoria da relatividade, que valeu a Einstein o Prêmio Nobel em 1921. Mas apesar desta contribuição essencial, ele persistiu em recusar a principal lição da mecânica quântica: o mundo das partículas não se submete ao determinismo estrito da física clássica. O mundo quântico é probabilístico: só sabemos prever uma probabilidade de realização a partir de um conjunto de possibilidades. (VANNUCCI, 2020, p. 01)

As certezas da verificação, em função do papel de um observador externo ao fenómeno pesquisado – que é a base da metodologia científica – é algo difícil de ser transcendido, até mesmo pela mente tida como uma das mais inteligentes do planeta! O domínio da matéria, tão especulado pela mecânica clássica, estava por diluir-se na profundidade das pesquisas sobre energia.

Segundo Goswami (2012), o materialismo científico moldou a ciência, a cultura e a sociedade ocidental no século XX. Para este referencial, centrado na matéria, o comportamento dos objetos é independente dos sujeitos. A nível macro, este comportamento segue a física clássica de Newton, gerando “comportamentos sujeitos a predição e controle”. Para o pensamento herdeiro deste referencial,

A mente é uma máquina newtoniana, um epifenômeno do cérebro. Ela é completamente determinada pelo cérebro e sua dinâmica é algorítmica. A continuidade causal é

pressuposta também para o comportamento humano, limitando o que a criatividade pode representar. Por exemplo, a criatividade não pode produzir coisa alguma que seja realmente nova, pois a visão de mundo pressupõe que todas as coisas que existem são determinadas pelas que já estão lá. [Neste modelo racional] não é possível distinguir entre consciente e inconsciente; em outras palavras, não existe explicação sobre como surge a experiência de cisão sujeito-objeto da percepção-plena. Portanto, o conceito de inconsciente é visto com muitas reservas. (GOSWAMI, 2012, p. 35)

Inconsciente relacionado com dimensões invisíveis, que habitam reinos transcendentais, Goswami e a física quântica se aproximam da corrente fenomenológica. Mas esta aproximação é exercitada somente para delimitar a existência da dimensão da imanência, que qualifica o que é inerente ao ser, sua essência inseparável, condições que o referencial da materialidade tende a obliterar.

O paradigma materialista é excludente. Como se afirmou acima, a ciência materialista, ao enfatizar exclusivamente a matéria e o exterior, solapou tudo o que pertence a nossas experiências interiores. Em consequência disso, as artes e as humanidades, tradicionais domínios da criatividade, têm sido vítimas silenciosas e silenciadas tanto nos estudos acadêmicos como na sociedade. Quando foi a última vez que você leu poesia de verdade? (GOSWAMI, 2012; p.36)

Por mais radical que pareça esta concepção, cabe salientar que um dos principais objetivos da ciência é identificar seus limites e buscar transcendê-lo. Se, com o aprofundamento das descobertas envolvendo sistemas físicos subatômicos, a mecânica clássica tem seus fundamentos abalados, é importante salientar que as descobertas quânticas só foram possíveis pelo desenvolvimento da ciência anterior a ela. O processo de evolução do pensamento científico segue seu fluxo de desenvolvimento.

Para nossa pesquisa, interessa que este arcabouço de percepções, advindas dos estudos da física, reconfigurem maneiras de pensar as relações entre sujeito e objeto e, mais especificamente, criem metodologias que deem conta de abarcar novas visões e fenômenos resultantes de uma realidade que não é mais matéria e energia, mas campo quântico de potencialidade e probabilidade de existência. Como ver, ler e interpretar algo que deixou de ser compreendido como concreto e passou a ser mutável e fluido?

Uma resposta pode ser aventada pela reforma do pensamento, descrita por Morin (2005; 2014). Para o autor, a consciência científica, enquanto forma de pensar e conhecer, é regida pelos princípios da *incerteza*, da *separação*, da *redução* e da *abrangência*. Dentre estes, iremos nos deter, rapidamente, ao princípio da *redução*, tendo a intenção de contribuir, com os apontamentos que estamos construindo, para criar o solo teórico de onde apresentaremos a metodologia da cerâmica Macuxi, que pode contribuir para a reforma do pensamento, referenciada pelo autor.

O princípio da redução comporta duas ramificações. A primeira é a redução do conhecimento do todo ao conhecimento adicional de seus elementos. [...] A segunda ramificação do princípio de redução tende a limitar o conhecimento ao que é mensurável, quantificável, formulável, segundo o axioma de Galileu: os fenômenos só devem ser descritos com a ajuda de quantidades mensuráveis. Desde então, a redução ao quantificável condena todo o conceito que não seja traduzido por uma medida. Ora, nem o ser, nem a existência, nem o sujeito, podem ser expressos matematicamente ou por meio de fórmulas. [...] Hoje, esses princípios revelaram suas limitações [...] Há, efetivamente, necessidade de um pensamento: que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes; que reconheça e examine os fenômenos multidimensionais, em vez de isolar, de maneira mutiladora cada uma de suas dimensões; que reconheça e trate as realidades, que são concomitantemente solidárias e conflituosas [...] que respeite a diferença, enquanto reconhece a unicidade. É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto. (MORIN, 2014, p. 87, *grifo do autor*)

Consoante as ideias do autor – acrescentando algo para que o isolamento do conhecimento, somado à extrema especialização disciplinar (característica do modo de pensar disjuntivo cartesiano), se amplie e se torne complexo –, se faz necessário tecer, junto ao exercício da averiguação – característico da ciência –, a dimensão do incrível, em sentido etimológico; o crível extraordinário, que tangencia o reino da imaginação.

Todas as ciências são fruto imaginário de mentes que investigaram a realidade. O conhecimento advindo dessa inquirição – que vai do mundo microscópico, passando pelo macroscópico, até os infinitos limites do universo – surgiu inicialmente de uma mente em devaneio lúcido – experiência que oxigena o pensar e, por consequência, amplia a abrangência de suas capacidades. A abertura para compreensão da realidade, enquanto campo de possibilidades – característica do pensamento de base complexa –, bebe na fonte das mais atuais teorias físicas e biológicas, que permitem vincular o diálogo da ciência de base ocidental com conhecimentos que fluem entre o visível e o invisível, como faz o pensamento indígena. As descobertas da física quântica, bem como a voz cada vez mais audível da diversidade de pensamentos para além da lógica colonial, encaminham a experiências inter-poli-trans-meta disciplinares (MORIN, 2014) que, por sua vez, ensejam um pensamento complexo, este que exige uma metodologia *a posteriori*, quer dizer, construída em função da realidade a ser investigada e não anterior a ela.

As metodologias *a priori*, embasadas na visão objetiva, que parte para campo como metodologia previamente definida, inviabilizam o exercício da percepção da novidade, sendo esta a base das transformações de visão e evolução do pensar. Se a ciência da dualidade subjetivo-objetivo não cabe mais – pois não explica mais a realidade material, diante do olhar de uma nova física e da complexidade das visões diversas, tais como as de referência originárias e orientais –, necessita ser revista. E se não explica mais, tampouco transforma a realidade e, sendo assim, caminha para se tornar obsoleta, a não ser que reinvente a si mesma – caminho possível a partir das provocações advindas do pensamento complexo.

Morin (2005; 2014) destaca que, para a ciência se reinventar, tem que considerar a capacidade de criar e transformar, o que possibilitaria conceber uma outra forma para si mesma. Tal transformação é possível pela inclusão de perspectivas distintas e a proposta de diálogo entre o pensamento indígena e não indígena, efetivamente, contribui para tal concepção.

Salientamos que o objetivo de nosso discurso não é o de negar a contribuição da ciência para o desenvolvimento humano, mas de considerar que ela, de forma isolada – ascética, não dá conta de explicar a realidade e muito menos de melhorar as condições de vida. Um dos muitos exemplos que podem ser citados é a crise climática, que em boa parte é resultado de uma ciência que objetifica a natureza, a nível físico e espiritual. O que nos interessa é lembrar que a criação, a capacidade de recriar o que existe, é o cerne para transcender a crise da invalidez (de uma ciência que não explica a realidade) e a tendência à assepsia do pensamento advinda do desejo de uma racionalidade pura, (com menos interferências e com mais certezas possíveis), qualidades da ciência dualística. Criação, que resulta do exercício da criatividade, em suas mais diversas dimensões, resultantes da aproximação com a capacidade de imaginar.

A imaginação se movimenta pelo consciente e inconsciente. É a base da razão, enquanto exercício de representação e movimentação de imagens. A função psicológica da imaginação – em referência às bases materialistas de estudo, ancoradas na psicologia histórico-crítica, ou à potencialidade do imaginar no discurso quântico – é a companheira íntima da criatividade. Criatividade de mãos dadas com a imaginação resultam em criação! Criação de novos paradigmas, de renovadas metodologias.

Na infinidade de possibilidades, que caracteriza o campo quântico, a imaginação é potencialidade, ou seja, se movimenta em níveis transcendentais/imanentes e vislumbra o invisível, viabilizando a manifestação criativa. A imaginação flerta com o não manifesto. Para o processo criativo/transformador da realidade é necessário “aprender as sutilezas do não manifesto [...] aprender o processamento inconsciente” (GOSWAMI, 2012, p.29), que envolve meandros da imaginação. A imaginação reúne o exercício da razão e emoção:

A imaginação não é exclusividade das artes, tampouco é imagem mental exclusivamente. Para caminhar em busca do imaginar, é preciso um mergulho mais profundo em direção ao coração, na intimidade de si mesmo. Imaginação como transmutação das vivências em experiências. Encaminha à

transformação de um estado da matéria em outro, de uma memória em outra. Os problemas de um imaginar deficitário geram problemas na capacidade de abstrair, no relacionar-se com a memória, com a vida interior. A capacidade de imaginar se relaciona com a capacidade de elaborar imagens interiores, mentais e para incentivar tal elaboração é preciso oferecer imagens sensíveis e incompletas. É o imaginar que irá manter o exercício de criar pontes, ligações, entre os abismos das incertezas, que na contemporaneidade são aceitas enquanto constituintes do conhecimento científico. (GONÇALVES, 2018, p. 149)

Morin (2005; 2014) destaca que é necessário imaginar para sentir, criar e transformar o pensamento e a realidade, visando uma ciência com consciência, caminho possível se for permitido ao humano recriar as próprias formas de conhecimento, quer dizer, recriar as metodologias com que experimenta conhecer.

Diante de tal desafio teórico, nos permitimos experimentar o exercício metodológico criativo advindo de nossa experiência com os fazeres e sabedoria da argila que, uma vez queimada, se transforma na resistente cerâmica, material de múltiplos usos na contemporaneidade. De pisos e revestimentos de casas, passando por louças, utilitários, peças de carros e foguetes, até material que compõe a nanotecnologia, o barro de onde todo este material se origina é ser vivo, existente na imanência da sabedoria originária e atuante na materialidade da existência. E a sabedoria das ceramistas Macuxi parece reunir fundamentos do pensamento ocidental, que ora recaem sobre o referencial da materialidade, ora no da fenomenologia.

Os fazeres com o barro são materiais, advém de uma ação humana concreta, mas também resultam da inspiração e diálogo transcendente, com a “Dona do Barro”, que comanda a imanência da experiência das ceramistas, o encontro e a produção com o material. Antagonismos teóricos são postos de lado na experiência da sabedoria originária (especialmente de Vovó Barro), onde o visível e o invisível andam de mãos dadas. Para além da hegemonia ocidental, as visões interiores – característica das maneiras de conhecer do pensamento originário – são o caminho de superação dos limites científicos, sobre os quais escrevemos anteriormente.

Na perspectiva de experimentar construir uma metodologia autóctone – que contribui para uma visão interior, diversa, complexa e imaginária –, nos valem da sabedoria de *Ko’ko non* – sintetizada pela escuta da inspiração da Avó, que permeia corpo, razão e emoção – e das Mestras Ceramistas Macuxi para desenhar a proposta metodológica, que apresentamos a seguir.

Caminho para o interior: Metodologia construída desde os meandros da imanência

A necessidade de abertura e movimentação, para ir ao encontro de visões mais transcendentais à ciência de referência material, faz convite para identificar as dimensões da materialidade, imanência e transcendência, que

envolvem o fazer-saber do barro e resulta do convívio entre as Mestras Ceramistas e *Ko'ko non*. Para contribuir com nossa explicação, seguimos utilizando referências da memória oral em diálogo com os autores (apresentados no tópico anterior) que correspondem à nossa referência teórica.

A visão da trilha

Até o momento da escrita deste texto, identificamos dois trabalhos acadêmicos (DUARTE, 2022; PAES, 2022) que apresentam as técnicas da cerâmica Macuxi e fazem referência a *Ko'ko non*, sendo importantes referências para quem deseja conhecer mais das características e rituais envolvendo os fazeres do barro. Agora, a questão que gostaríamos de deixar registrada em nosso trabalho diz respeito à importância do acesso à dimensão transcendental que *Ko'ko non* nos convida a experimentar e que contribui para refletir a respeito do saber referenciado em fazeres ancestrais.

A dimensão da técnica do fazer cerâmico é significativa, haja vista que manifesta, na dimensão visível, diálogos imateriais. Para além do contato sensível com a argila, que seduz em sua visualidade, há a conexão invisível, que originou a técnica e que se estende para além dela. A experiência com cerâmica do povo Macuxi, envolve dimensões que aprofundam as questões técnicas, indicando que o bom termo das peças se alcança em virtude da conexão com a Avó Encantada e que, a essência desta cerâmica, repousa sobre a dimensão transcendente. Pode-se até imitar a técnica, mas sem o elo de ligação com *Ko'ko non*, qualquer coisa que seja produzida não tem vida e, portanto, não tem razão de ser. Descreveremos o que queremos dizer com a *razão de ser* da cerâmica Macuxi nos exemplos relativos à coleta de *Ko'ko non* e na confecção das peças.

A argila, na cosmovisão Macuxi, não é um material; é uma Encantada – ser vivo invisível – dona da natureza argilosa. O contato com ela se inicia mesmo antes de adentrar sua casa, quer dizer, mesmo antes de chegar no barreiro. Quando necessitam “buscar barro”, as Mestras Ceramistas do povo Macuxi entram em preparação desde o dia anterior. Tendem a não ter relação sexual, preparam urucum benzido e, se estiverem menstruadas, aguardam o ciclo passar, para poder iniciar a subida das serras do lavrado roraimense, na terra indígena Raposa Serra do Sol, onde *Ko'ko non* faz morada.

No início do caminho, para chegar à casa da Avó, benzimentos são realizados, rituais e os corpos são pintados com urucum, para iniciar a conexão, proteger o corpo de males físicos e abrir os “olhos invisíveis”, que enxergam melhor que os “olhos da razão”. No caminho, as mestras levam presentes para a *Ko'ko non*, que incluem comida, pedaço de tecido e tabaco. Ao se aproximarem da casa da Avó, pedem licença e oferecem os presentes, iniciando diálogo com o invisível – audível entre os que participam deste momento. Nesta conversa, as Mestras partilham impressões, intenções e agradecem, convidando a Encantada a seguir com as ceramistas até suas casas.

Este encontro é uma experiência, que em muito se distingue da coleta de argila para os usos mais diversos. A retirada indiscriminada de argila dos barreiros é uma atividade degradante do ponto de vista ambiental. Mas, na cultura Macuxi, com a experiência de ir ao encontro da Encantada em sua casa e não somente em busca de um material, o ambiente/morada da Dona da Argila se renova continuamente. E isto pode ser observado com nitidez ao acompanhar duas (ou mais) coletas em seguida, uma vez que, ao se retornar ao local/casa de *Ko'ko non*, ela renovou seu entorno e as impressões anteriormente deixadas.

De modo semelhante ao respeito e rituais envolvendo o encontro e coleta da Avó, a modelagem das peças até à queima resulta de experiência dialógica, respeitosa e ritualística entre a imanente presença de *Ko'ko non*, sua materialidade e a presença das Mestras Ceramistas, que sintetizam em mente, emoção e corpo os resultados do encontro transcendental. Cada peça criada é uma imagem da Avó, possível de ser materializada pelo exercício dialógico vivenciado entre Vovó Barro - Ceramista - Vovó Barro. A razão de ser do saber-fazer cerâmico Macuxi envolve a presença de um ser vivo invisível, que influencia diretamente o corpo físico (a saúde) das ceramistas e o que é produzido por ele (as peças cerâmicas), resultando na manifestação do corpo vivo transcendente da Avó Encantada.

Esta comunicação dialógica, entre dimensões materiais-imanentes-transcendentes é desenvolvida nos trabalhos de Barreto (2013; 2021), ao trazer, nos meandros da linguagem antropológica, a visão de um pesquisador Tukano, que apresenta os equívocos das interpretações externas anteriormente criadas, especialmente a que relacionava os humanos aos peixes:

Como consequência disso, as traduções antropológicas dessas narrativas míticas têm feito uma associação direta entre a origem dos peixes e a origem humana, uma vez que, de fato, elas encontram-se muito associadas. Tal associação, no entanto, foi motivo de uma confusão generalizada [...] A tradução ou o entendimento de que “peixe é gente” transformou-se numa espécie de senso comum em todo o Alto Rio Negro [...] Essa dissertação é, no fundo, a explicação de minha conclusão de que peixe não é gente, não apenas por negar uma verdade estabelecida, mas considerando aquilo que Bachelard (1996, p. 17) tanto destacou, que ‘o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos’. (BARRETO, 2013; p.14)

Conhecimentos mal compreendidos, também em relação ao corpo e seus cuidados, tema que desenvolve na tese *Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro*, que trata diretamente sobre as questões envolvendo “quatro modos de transformação do corpo”, de seres visíveis e invisíveis, uns influenciando a vida e saúde dos outros e as diferentes camadas e rituais de cura - *bahsese*, acessadas pelas distintas qualidades de especialistas, nos rituais de cura do Povo Tukano. “É a partir da noção de elementos que constituem o corpo que os especialistas lançam mão das fórmulas de

GONÇALVES, Larissa Silva; FIDELIX, Joana. Caminho para o interior: exercício metodológico desde a sabedoria da cerâmica do povo Macuxi. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 75-93, mai./ago. 2024.

bahsese de proteção, das substâncias curativas contidas nos vegetais, nos animais, nos minerais e nos fenômenos naturais, para produzir o cuidado do corpo e das pessoas” (BARRETO, 2021, p. 43, *grifo do autor*).

Dimensões materiais, imanentes e transcendentais caracterizam a cosmovisão de diversos povos originários, e a superação das dificuldades na compreensão destas visões incita a organização de dois caminhos principais: um que indica a necessidade da participação do próprio indígena na produção do saber (SMITH, 2018) e outro que convida a integrar as incertezas, possibilidades e potencialidades do desconhecido, no jogo criativo do aprender (MORIN, 2005; 2014), visando à melhoria do conhecido e a continuidade do existir. Ambos os caminhos indicam a necessidade de acessar e acolher o(s) conhecimento(s) desde o interior, bem como revisá-lo(s) por dentro, com uma postura de abertura, para oxigenar o exterior e recriar continuamente.

Goswami (2012) trata da crise da mecânica clássica, que embasa as correntes materialistas do pensamento, em função do desconhecimento do que vem a ser a criatividade em níveis de aprofundamento, que vão muito além da resolução de problemas – comumente associada à capacidade de criar.

Na verdade, modelos mecanicistas de criatividade excluem a real criatividade humana do repertório de fenômenos. De acordo com os materialistas, a criatividade nada mais é do que a hábil aplicação do bom e velho método científico (Weisbeg, 1993). Tente várias combinações de velhos e conhecidos contextos, um a um, e veja se o contexto novo, então gerado, não é capaz de resolver o problema da busca de uma solução. Em caso afirmativo, você chegou a um final feliz. Em caso negativo, tente outra combinação possível. Continue até conseguir. [...] Os pesquisadores da criatividade codificam para essa criatividade um processo bem diferente. Eles dizem que no trabalho criativo real, realizado por pessoas criativas, há um importante papel reservado para o inconsciente, este que é denegrido pelos materialistas como vodu. E, o que é ainda pior, esses pesquisadores insistem na existência de uma descontinuidade no processo criativo em vez de uma continuidade passo a passo do método científico. (GOSWAMI, 2012, p.37)

A descontinuidade que a física quântica tem como um de seus pressupostos – e a mecânica clássica tende a negar – movimentava uma das divisões entre os referenciais, mas esta é uma divisão meramente formal pois, na realidade, todo o processo criativo reúne e transforma o conhecido, agrega uma diversidade de visões para compor uma outra forma. E, para lembrança, conforme salientado anteriormente neste texto, a física quântica só existe porque existiu a clássica. Neste sentido, o desenvolvimento da ciência segue progresso contínuo-inconstante, sendo a única certeza a existência do movimento perseverante da criação, esta que é assim entendida: “Criação é proporcionar forma a partir de possibilidades transcendentais que não são coisas. Todos os objetos quânticos evoluem

como possibilidades em sua *potentia* transcendente até que sejam trazidos à imanência – à coisidade – por colapso via observação consciente” (GOSWAMI, 2012, p.52, *grifo do autor*).

A física quântica demonstra que tudo que existe resulta da visão de um observador, pois a coisa não tem vida em si mesma. Neste sentido, propõe um salto copernicano na referência matéria-percepção-nova matéria, introduzindo a transcendência do campo de possibilidades, que é anterior ao surgimento da matéria. Para uma ciência nova cabe um método novo:

O método é atividade pensante e consciente. O método, dizia Descartes, é a arte de guiar a razão nas ciências. Acrescentemos: é a arte de guiar a ciência na razão. Uma *scienza nuova*, que já não está ligada a um ethos de manipulação e de persuasão, implica outro método: de pilotagem, de articulação. A maneira de pensar complexa prolonga-se em maneira de agir complexa [...] O pensamento complexo conduz a outra maneira de agir, outra maneira de ser. (MORIN, 2005, p. 339, *grifo do autor*)

Aqui está a chave principal para justificar este referencial: a ideia de que, para conhecer, é necessário incluir e não fragmentar, como a lógica cartesiana e iluminista encaminharam até então. Para um pensamento vivo há que ter uma ciência viva, a qual por sua vez, se realiza com um método inclusivo (que acolhe as incertezas), embasado na certeza da reflexão criativa e integradora, que leva em conta o todo e a soma das partes (MORIN, 2014). Neste sentido, não há motivo para separar materialidade e transcendência, pois a riqueza está em exercitar o olhar investigativo, reunindo as mais diversas dimensões.

Buscamos pontuar dimensões da materialidade, imanência e transcendência, segundo a visão quântica, com vistas a indicar o caminho de superação da crise da ciência dualística, possibilitando um campo mais abrangente de pensamento, que torne possível a apresentação de uma metodologia resultante de uma concepção integradora – caminho proposto na metodologia de *Ko'ko non*, cujo desenho apresentamos a seguir.

O caminhar

Do referencial materialista – que parte da dimensão concreta, onde sujeito e objeto necessitam ser separados, para se concretizar uma metodologia elencada *a priori* –, indicamos que o caminho mais profícuo para o desenvolvimento de uma ciência, comprometida com a continuidade da vida, surge da reunião da percepção da realidade transcendente, que inspira a experiência imanente, para resultar na ação concreta no mundo. Dito de outro modo, a existência imanente de *Ko'ko non* é condição concreta para as ceramistas Macuxi e para aquelas não indígenas, que se sensibilizaram pela Sua sabedoria.

Na cerâmica Macuxi, desde a experiência da técnica, a conexão com a presença da Avó Encantada auxilia no processo, pois não é um “dominar o

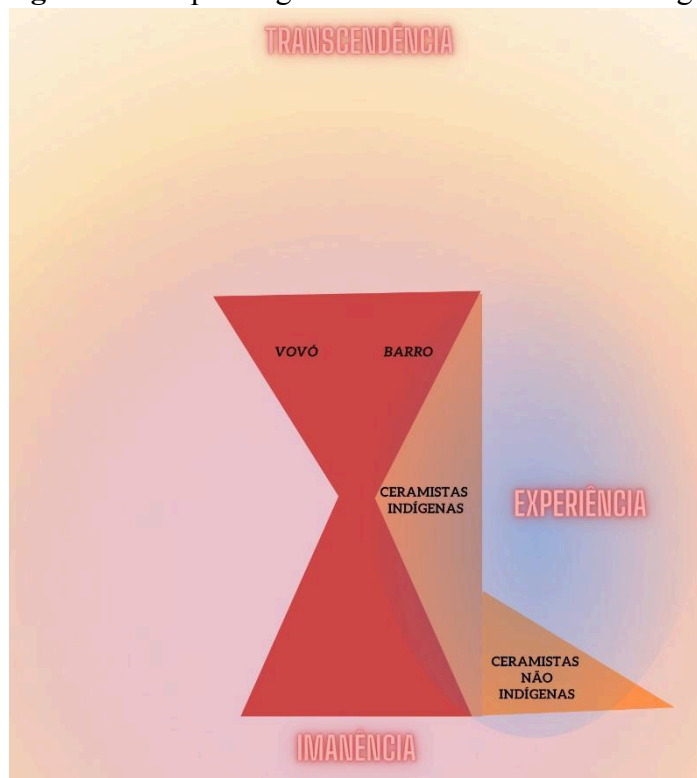
barro”, mas conversar com sua dona e, em diálogo, compor com ela. Como dito anteriormente, as peças criadas manifestam grau de conexão com a Encantada, desde antes de subir ao seu encontro até a queima das peças. Cada panela, copo, xícara, que brotam das mãos ceramistas e chegam a cabo com eficiência, demonstram a qualidade e a profundidade de diálogo das Mestras com *Ko’ko non*, e todo o processo é evidenciado a partir de duas qualidades essenciais: *abertura* e *escuta*.

O desenho metodológico que aqui partilhamos surge da vivência de uma escuta sensível e profunda, caracterizada não só pelo silêncio dos órgãos do sentido, mas por um silenciar dos juízos preconcebidos. Como nos diz Bohm (2005), o diálogo, para que cumpra sua função transformadora da e na realidade, requer a suspensão de pressupostos e a abertura para acolher o que o outro traz. Sendo que o *outro* é passível das mais diversas formas, de pessoa a objeto (físico/científico), passando por uma infinidade de fenômenos.

Seria melhor aceitar o princípio de deixar a mente aberta, porque quando a limitamos aceitamos os pressupostos com base nos quais estabelecemos essa limitação - e estes podem atrapalhar a comunicação. Por isso, tais pressupostos não podem ser observados [...] afirmo que existe a possibilidade de uma transformação da natureza da consciência, tanto no nível individual quanto no coletivo, e que se ela puder ser feita cultural e socialmente, o diálogo terá um papel importante no processo. É o que estamos examinando. É muito importante que façamos isso juntos [...] Nossa tentativa é ir mais fundo, ir à própria essência da totalidade do processo que está por trás do eu ou do observador. (BOHM, 2005, p. 89)

Neste sentido, um diálogo com esta qualidade criativa transformadora é, por si só, um método, pois encaminha à observação, leitura e interpretação da realidade, de um lugar de ressignificação dos sentidos. A perspectiva dialógica de suspender os pré-conceitos, abrir os poros das certezas e oxigenar o conhecido encaminha a abertura para o acolhimento da transcendência.

Neste trabalho, a encantada Vovó Barro representa o outro transcendente e o convite à experiência do diálogo, desde perspectivas imanentes, para manifestar na realidade, às diversas formas materiais contidas no conjunto de louças produzidas pelas mãos das ceramistas. Movimentar consciência, corpos e emoções, em meio a estas diversas dimensões, exige abertura que, por sua vez, se realiza no respeito e reverência diante do desconhecido invisível. Requer, também, encantar-se, pois o encanto é a porta de entrada para a ampliação do olhar e experiência de conexão, para experienciar da sabedoria da cerâmica Macuxi. Dito isto, apresentamos o desenho metodológico experimentado em meio às vivências com *Ko’ko non*:

Figura 1 – Esquema gráfico dimensões da metodologia

Fonte: Acervo autoras

Neste quadro, buscamos identificar a intersecção dos campos da transcendência e imanência, conectados à existência, sendo esta o local de vivência concreta, onde o conhecimento inspirado de *Ko'ko non* e sintetizado pelas ceramistas Macuxi é passível de ser partilhado com ceramistas não indígenas. O toque direto entre as ceramistas indígenas com o ambiente imanente de Vovó Barro, representado graficamente pela forma da ampulheta, quer falar da proximidade entre elas e da amplitude do diálogo que elas experimentam. Por sua vez, o triângulo, representando ceramistas não indígenas, não toca diretamente o corpo/forma de *Ko'ko non*, mas resulta de um encontro direto com as ceramistas indígenas. Este quadro quer demonstrar a síntese das dimensões, que envolvem a sabedoria dos fazeres cerâmicos e o grau de importância das interações entre elas, representado pela proporção e posicionamento das formas.

A partir deste quadro, que representa o contexto e interligação entre seres visíveis e invisíveis, apresentamos um detalhamento das dimensões de alcance das visões, que envolvem o encontro e a vivência entre ceramistas indígenas e não indígenas.

Figura 2 – Alcance visões ceramistas indígenas e não indígenas

Fonte: Acervo autoras

Antes mesmo de a mão tocar o barro, as Mestras Ceramistas Macuxi são capazes de antever os sinais e presença de Vovó Barro, impressos na argila. Por sua vez, ceramistas não indígenas necessitam tocar o barro para comprovar sua existência e atuar nele. Quem consegue enxergar e atuar, mesmo sem o modelo de referência como base, são as Mestras Ceramistas indígenas, que se movimentam pelos meandros do visível e invisível.

Pelo exposto, se elucida que há um conjunto de experiências transcendentais, sob o domínio das Mestras Macuxi, que não é passível de ser acessado apenas pela aprendizagem da técnica. Para entrar em contato com estas dimensões invisíveis, se faz necessário desenvolver, por parte de ceramistas não indígenas, uma postura de respeito e acolhimento, para ir ao encontro das Mestras Ceramistas e dialogar (na qualidade de diálogo elucidada por Bohm, 2005) com seus fazeres e saberes – porta de entrada para as conexões com *Ko'ko non*. É interessante que já estejam cientes da advertência ancestral. Conhecer os passos da metodologia, aqui apresentada, não é suficiente para abrir os olhos internos, sendo esta a condição para que o percurso metodológico se processe e movimente significados. Para acessar os saberes e fazeres da cerâmica Macuxi, há que adquirir permissão, motivação e respeito, uma espécie de reverência diante do desconhecido, e movimentar corpo, mente e coração, em direção a este encontro.

Considerações finais

Do exposto até aqui, ressaltamos que não se trata de negar os processos da materialidade, mas sim de ampliar a visão para incluir a condição concreta da Vovó Barro, advinda da sabedoria Macuxi, na experiência do conhecimento não indígena. Neste sentido, inferimos que a crise da ciência contemporânea resulta das dimensões da separação entre o transcendente e o material. Da dificuldade de perceber, pensar e experimentar uma visão e, por conseguinte, uma racionalidade mais integrada e enraizada no solo da natureza física e simbólica, como fazem os povos indígenas.

Nas vivências do fazer cerâmico das Mestras Macuxi, Vovó Barro é imanência, transcendência, imaginação e existência. E como acessar tamanha

complexidade? Para isso, há que se permitir vivenciar e experienciar, na companhia de quem tem o acesso a esta forma de pensar e agir. Exige uma conexão, no sentido profundo do termo, que envolve várias camadas de aproximação, exigindo um exercício de presença de mente, corpo e coração, em postura de abertura e deferência em relação ao desconhecido. Desse modo, pensar metodologias com indígenas exige de não indígenas – e da ciência como um todo – uma abertura de visão, convite que a própria ciência, nas bases do campo da física quântica, está a corroborar.

Vovó Barro não tem somente a função de agenciamento das ações materiais, tampouco vincula dimensões específicas da transcendência referenciada pela corrente de pensamento fenomenológica, sua presença é manifestada na materialidade da argila e na ingerência sobre a matéria, que é ela mesma, e sobre a qual as ceramistas modelam não somente o que desejam, mas aquilo que combinaram com a Avó Encantada: panelas – louças, que irão conter a comida para ambas se alimentarem. A Avó invisível encaminha à nutrição sensível e material das ceramistas e, pela abundância de sentidos e significados que sua presença manifesta, permite a quem se entrega a esta experiência sonhar futuros de pesquisa e de viver, a partir das memórias e sabedoria ancestral indígena!

Referências bibliográficas

BARRETO, João Paulo Lima. **Wai-Mahsã: peixes e humanos. Um ensaio de Antropologia Indígena**. 2013. 93 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

_____. **Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro**. 2021. 190 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2021.

BOHM, David. **Diálogo: comunicação e redes de convivência**. Tradução: Humberto Mariotti. São Paulo, Palas Athena, 2005.

DUARTE, Amanda de Almeida. **Cerâmica Macuxi: um registro a partir do encontro com as Mestras Indígenas Ceramistas Lídia Raposo e Joana Fidelix**. 2022. 58 f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso Artes Visuais) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista/RR, 2022.

GONÇALVES, Larissa Silva. **Trajetórias do imaginar: migrações de afetos, memórias e sentidos**. 2018. 188 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

GOSWAMI, Amit. **Criatividade para o século 21: uma visão quântica para a expansão do potencial criativo**. Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2012.

MORIN, Edgar. **ciência com consciência**. Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **A cabeça bem feita: repensar a reforma reformar o pensamento**. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

PAES, Dayana Soares Araújo. **Vovó Barro (ko’ko non): cerâmica Macuxi em terras de Makunaimi – Roraima**. 2022. Tese – Instituto de Artes – Unesp. 2022.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

VANNUCCI, François. **Les deux erreurs d’Einstein. The conversation**. mai 2020. Disponível em: <<https://theconversation.com/les-deux-erreurs-deinstein-136062>>. Acesso em: 05 mai. 2024.

Recebido em: 15/06/2024 * Aprovado em: 05/08/2024 * Publicado em: 31/08/2024